



LEONEL SANTOS

FOI BONITA A FESTA, PÁ!, O 25.º ANGRAJAZZ (1)

Foi bonita a festa, pá!; o Chico que me perdoe o abuso da apropriação da frase. Foi bonita a festa dos 25 anos do Angrajazz, quatro dias, quase quinze horas de música, a sala sempre cheia, os convivas vestidos a rigor, desafiando a intempérie; os mestres de cerimónia não cabiam em si de contentes.

Se para o público construir um festival possa ser apenas «escolher músicos», todo ele é um processo moroso e complexo, muito mais do que isso, muitas relações públicas, muita burocracia até, e muito trabalho invisível; e o Angrajazz que hoje se celebra construiu-se ao longo de 25 anos sem profissionais pagos e muita «carolice», superando a insularidade, aprendendo com os erros; e ele aí está, como um dos mais importantes festivais de Jazz nacional, com um prestígio verdadeiramente internacional.

Para o que ao público interessa, a programação contou este ano com oito concertos, e mais uma dúzia de concertos de rua por toda a cidade, ao longo de uma semana.

Já o escrevi na apresentação do festival, alguns dos concertos revelam a diferença e seriedade da programação, e o desenho do festival é o resultado de muitas horas a ouvir discos, dezenas, centenas!, de muita conversa, muito debate, e de muita paixão pelo Jazz; um processo de escolha cirúrgica que escapa à rotina e à gestão da oferta dos promotores e, enfim, não se esquia ao risco. Só assim podem ser vistos os concertos do Mário Laginha/João Paulo Esteves da Silva, o Angrajazz Legacy Quintet, o Ben Rosenblum Nebula Project e ainda também o Ricardo Toscano «Bird With Strings». E mesmo se alguns deles estarão longe de terem sido concertos excepcionais, esse processo de selecção evidencia, como disse, a diferença, e a paixão pelo Jazz.

E os concertos confirmaram a felicidade e acerto do trabalho de programação, e do trabalho sério e metódico, invisível, em prol do Jazz e afinal da Cultura.



ORQUESTRA ANGRAJAZZ COM PERICO SAMBEAT

E vale a pena começar por valorizar a Orquestra Angrajazz, filha do projecto, que cada ano confirma a sua maturidade, na força e versatilidade, com um repertório apreciável, e um conjunto de solistas dignos de nota. Em 2024 ela teve como convidado o veterano Perico Sambeat, e foi bonito de se ver respondendo condignamente mesmo nos arranjos mais complexos do saxofonista.

CAMILLA GEORGE

O segundo concerto da noite teve como protagonista a saxofonista nigeriana/britânica Camilla George, que veio a Angra defender as virtudes do novo afro-futurismo. Herdeira de Fela Kuti e Charlie Parker, e outrossim de Jean Toussaint e Courtney Pine; África e o funky, (curiosamente) as Caraíbas e o hip-hop, marcam o seu Jazz-pop, que tem como companheiros de estrada Shabaka ou Nubya Garcia.

Camilla é um verdadeiro vulcão e o concerto apenas foi contrariado por um modelo excessivamente funky,

por vezes próximo, diria, do lounge, mas ela foi capaz ainda assim de explicar porque é considerada um dos mais dignos representantes do Jazz no feminino da actualidade.

JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA E MÁRIO LAGINHA

João Paulo e Mário Laginha tinham tocado juntos há mais de trinta anos e nunca mais se tinham encontrado a sós, e este concerto foi uma encomenda da direcção do festival.

Os dois músicos são inequivocamente dois grandes músicos, com personalidades bem distintas, e este encontro correspondia também a um desafio.

Mais ou menos próximo da pauta, mais ou menos improvisação, a «alma portuguesa» esteve presente em «Samba Leve» de João Paulo e no belíssimo «Olhos Negros», um tradicional terceirense, canção de despedida dos jovens de partida para a guerra na Guiné; o fascínio comum por Keith Jarrett revelou-se em «Adeus América» de João Paulo; África assomou pela mão de Mário Laginha com «Jaamm Re», gravado com Julian Argüelles e

Helge Norbakken; o clássico «Mack the Knife» de Kurt Weill/Bertolt Brecht fez-se sentir antes de se revelar, num arranjo curioso; ainda «Certeza» de João Paulo, talvez o maior standard de Jazz português, de acordo com Laginha; o «Fado Choro», uma «mini-sonata», como a classificou Laginha, e o inevitável encores coube à «Despedida» de Laginha. Democráticamente reparados, empatia e elegância, a plateia estava ganha desde os primeiros acordes.

CATHERINE RUSSELL

Catherine Russell foi a protagonista da noite do Jazz vocal desta edição do festival.

Técnica irrepreensível, articulação perfeita, amplitude vocal, ela não tem ambições para além da perfeição. Ao longo de hora e meia Russell percorreu a história do Jazz, do blues e da soul, não se esgotando nos cantores, e revelando uma enorme presença de palco capaz de fazer o espectáculo que é exigido aos cantores. Cantora clássica sem reservas, puro entretenimento, não desiluiu o seu público.



LEONEL SANTOS

FOI BONITA A FESTA, PÁ!, O 25.º ANGRAJAZZ (2)

VIJAY IYER TRIO

Vijay Iyer tem tocado bastante em Portugal, mas nunca tinha vindo a Angra, e a sua estreia vinha associada a alguma legítima expectativa. E diferente dos primeiros concertos a que lhe assisti desde há dez anos, a música de Vijay Iyer vem-se tornando até mais acessível, e em especial desde a constituição do trio com Linda Ho e Tyshawn Sorey, 2019, com quem fez os dois últimos discos, *Uneasy* e *Compassion*.

Apesar da diferente constituição do trio, o repertório abraçou esses discos e, à semelhança do que vem fazendo, o concerto decorreu quase sem interrupções. Mais tranquilo que antes, se o posso dizer, Vijay parecia quedar-se sobre cada um dos temas, como se os interrogasse, improvisando, olhando-os de uma ou outra perspectiva, em ostinatos, obsessivamente. Oferecendo muito espaço ao baterista e ao jovem baixista, Vijay pareceu deixar-se conduzir amide pela voluptuosa secção rítmica. Mais calmo também, Vijay prolonga-se numa longa melodia dedicada ao poeta Sabah As-Sabah; um lamento sombrio, calido e bonito, «ele não era um guerreiro, era um poeta». «Respect, compassion, is what we need»; o piano que se precipita antes de se calar.

BEN ROSENBLUM NEBULA PROJECT

O ambição do projecto de Ben Rosenblum terá seduzido os programadores, mas ela não teve equivalência na execução. A universalidade revelou-se dispersão, onde nem sequer o Jazz foi sempre o elemento comum. Banda desequilibrada, onde faltaram também, improvisadores, teve nos saxofonistas a excepção; impondo um caminho a percorrer que não será curto. Valeu ainda assim, a alegria.

RICARDO TOSCANO QUARTETO

• ENSEMBLE AH

Charlie Parker será porventura o maior improvisador de todos os tempos, e o «Bird with Strings», mesmo não sendo paradigmática da sua arte, será porventura uma

obra significativa e muito bonita. Tendo Ricardo Toscano em Bird um dos seus heróis, seria inevitável que, mais cedo ou mais tarde, ele haveria de visitar o «Bird with Strings».

Poema e circunstância, nada melhor para a festa que a histórica obra, diria, e os programadores convidaram também o Ensemble AH, uma formação clássica de Angra do Heroísmo, com direcção musical de Pedro Moreira.

Toscano escolheu uma dúzia de entre as duas de temas gravados nas duas sessões de 1949 e 50 por Bird, de «Summertime» a «I Didn't Know What Time It Was», a que lhes juntou dois temas tocados apenas pelo quarteto, «The Gypsy» e

um outro que não reconheci, e ainda um remate com um dos melhores momentos da noite com «Ezz-thetics», de George Russell, tocado, mas nunca gravado por Bird, num soberbo trabalho de composição e arranjo que rompia com a lógica do disco.

Muito bonito, mas sem grandes arrojados, um concerto tranquilo onde a atenção esteve sempre focada no saxofone etéreo de Ricardo Toscano, mas onde todos os membros do quarteto tiveram oportunidade de intervir.

ANGRAJAZZ LEGACY QUINTET COM FRANCESCO CAFISO

Angrajazz Legacy Quintet, nome de circunstância, este concerto era

o segundo grande risco do festival, mas revelou-se bem mais pacífico e assertivo (que o Nebula Project). Constituída por discípulos de Ulisses Owens Jr., a que se juntou o saxofone de Francesco Cafiso, o projecto garantia a qualidade dos músicos, mas sentenciava também a irredutibilidade do Jazz que iria ser tocado; a começar pelo repertório, recheado de clássicos, de «Steven Steps to Heaven» a «Caravan», e originais do trompetista e do pianista.

Mas, apesar de esta ser uma formação de ocasião: «os alunos de Ulisses Owens Jr», ou talvez por isso, ela não revelou nenhuma debilidade. Da acutilância do trompetista à segurança do contrabaixista, ao stride atento do pianista, e enfim à direcção e volúpia do baterista; esta é uma banda perfeita. Francesco Cafiso, um parkeriano intransigente, denunciado nos jorros de notas muito rápidas, convergia na banda.

A alegria, energia, a verdade, o evo absoluto do Jazz clássico em noventa minutos, a encerrar o Angrajazz da melhor forma.

O Angrajazz chegava a fim, e José Ribeiro Pinto não disfarçava o orgulho do trabalho bem-feito ao longo das 25 edições do festival, e fez questão de mencionar todos os que de uma ou outra forma contribuíram para a sua existência: o Prof. Duarte Ponte e Dr. Sérgio Ávila, mas também Fernando Gomes, o primeiro afinador de pianos do festival, Paulo Gil, com quem aprenderam muito da relação com produtores e músicos, dos técnicos de som que há muito os acompanham, e finalmente Bruno Walter Ferreira e João Pedro Mont'Alverne, que com eles estiveram na direcção da Associação Angrajazz, e os elogios emocionados não esqueceram ninguém; a começar enfim pela associação e a sua direcção, Miguel Cunha, Luis Mendes, Rui Borba e Rui Melo.

O Angrajazz 2024 acabou. Longa vida ao Angrajazz!